

GUNNAR GUNNARSSON



AVE NEGRA



cavallo de ferro

I

A todos os homens bons que porventura vejam estas páginas, eu, Eyjólfur Kolbeinsson, indigno vigário da igreja de Saurbær, na paróquia de Rauðasandur, pertencente ao distrito de Barðaströnd, envio saudações de Deus e minhas.

Hoje, sábado, primeiro de Novembro do ano do Senhor de 1817, Dia de Todos os Santos, aprouve a Deus chamar a si o nosso filho Hilaríus com quinze anos, para grande dor e desgosto dos seus pobres pais, e, para ainda maior infelicidade, cinco dos nossos fiéis servidores, pois o barco em que foram à pesca deu à costa vazio.

Tende piedade, Senhor, dos mortos, e cuidai dos vivos que agora choram amargamente, cada um segundo o seu coração. Sede misericordioso com o vosso miserável servo, para que amanhã, Dia de Finados, estando o meu venerável pároco ausente por doença, eu seja capaz de cumprir adequadamente o meu dever de expor de coração firme e com plena confiança a leitura do vigésimo domingo depois da Trindade, Mateus 5, em que Jesus prega a bem-aventurança para os que choram.

Quando o seu estimado tio materno, Amor Jónsson, o respeitável agricultor de Hænuvík, nos veio dar, genuinamente condoído, a notícia da descoberta do barco, a minha amada esposa, Ólöf, disse:

– À tempestade e ao mar não posso pagar na mesma moeda, mas é terrível trazer o Hilárius para terra como um cachorro afogado sabendo que não o podemos vingar.

– De quem te querias vingar, sobrinha? – perguntou o respeitável Amor de Hænuvík.

Mas eu, ciente de quão pouco moderada é a minha mulher tanto na alegria como na tristeza, e de que ela claramente dissera aquilo motivada pela enorme amargura da sua insuportável dor de mãe, observei:

– Nisto, o silêncio é o mais apropriado.

Então, a conversa ficou por ali.

Não vi nenhuma lágrima nos olhos da minha mulher, apenas a morte nua, e envergonhei-me.

No que ao seu querido tio diz respeito, naquele mesmo instante, um véu foi-me levantado dos olhos, e eu vi que ele afinal não era nenhum feiticeiro, mas sim um ser humano deveras normal – já tinha a barba negra um pouco grisalha, e os olhos amarelos e clarividentes erravam desnorreados.

Depois de estarmos algum tempo ali sentados numa desolação sem palavras, a única coisa que ele disse à sua jovem parente foi:

– Tenta chorar, minha menina.

Então, Ólöf, a Jovem – assim lhe chamavam em casa, em Keflavík, para a distinguir da mãe –, pôs-se de pé e retorquiou:

– As minhas lágrimas, guardo-as para Deus, que as receberá todas.

Dito isto, foi-se embora. Ou não fosse ela filha do Monsieur Jón Pálsson.

Não sinto qualquer apreensão pela minha mulher. Nem nos recessos mais recônditos da sua alma, Deus, que perscruta os corações, encontrará o menor vestígio de iniquidade ou desonestidade, pelo que dificilmente levará a mal o humor dela.

A situação é muito pior para mim, miserável e transtornado «cobrador de impostos», como me chamavam antigamente

e decerto ainda chamam os meus pescadores e marinheiros impregnados de sal.

Ao nosso pároco, o reverendo Jón Ormsson de Sauðlauksdalur, chamam-lhe «o Pecador». Poder-se-ia pensar que o têm em pior conta do que a mim. Mas é apenas uma piada. Não há ninguém menos propenso a pecar — a não ser que a sua bondade o desencaminhe — do que o reverendo Jón, que sai de casa para deambular inquieto entre os seus paroquianos somente por causa do abate de uma vaca velha no presbitério.

Porém, quando me apelidam de «cobrador de impostos», fazem-no no bom — ou no mau — e verdadeiro sentido da expressão. Dizem-no com toda a seriedade, porque metade do total do imposto eclesiástico e dos dízimos me pertence a mim, o proprietário do terreno e da igreja, ou, melhor: pertence à minha igreja, sendo dividida entre ela e o pároco, o reverendo Jón Ormsson. E ousa afirmar, pois é a pura verdade, que nunca subtraí a mais pequena quantia ao dinheiro de Deus nem à parte que cabe ao reverendo Jón. Esta minha velha igreja, outrora a mais importante aqui na região, não há-de ser prejudicada, nem desprezada, nem paga em moeda má¹ ou fora de circulação, só porque agora é propriedade de um lavrador, disso Deus seja minha testemunha. O reverendo Jón Ormsson, esse homem ingenuamente honesto, também não será lesado no que toca à parte dos dízimos que lhe devo.

Como não haveria eu de estimar e evitar negligenciar a igreja que Deus me deu, a mim, seu indigno servo? Quem não o fizesse deveria ser considerado o mais vil dos homens. Muito antes de eu aqui ter chegado, já a igreja de Bær me aparecia em sonhos, já eu estivera nela tanto no meio de uma multidão

1 No contexto do bimetalismo ainda em vigor na Islândia à época em que decorre a narrativa, a «moeda má» incluiria as moedas falsas (i.e. feitas com metais vulgares), mas também aquelas propositadamente recortadas para retirar parte do metal precioso ou ainda produzidas numa liga com uma percentagem baixa de ouro ou prata. [Todas as notas são do tradutor.]

como sozinho, e havia até proferido um sermão emotivo a partir do púlpito. Não houve uma única vez em que o sonho não me tenha deixado comovido e de olhos marejados. E depois de eu a ter na minha posse...! Oh, casa da minha aflição! Casa do inocente, refúgio do pecador, pátria do simples. Tiveste de acolher a culpa e a morte, o assassino e a vítima, o pecado e a sua retribuição, que é a morte.

Não fui capaz de defender a minha igreja quando a tormenta das almas investiu contra esquinas e telhados. Contudo, servi-a na medida das minhas forças. Com as minhas próprias mãos, passei tinta clara no tecto e nas paredes, para que a luz das velas e do sol brilhasse duas vezes mais no interior, e o quadro do altar, os antigos cálices de prata e as imagens de pedra dos apóstolos sobressaíssem em todo o seu esplendor. Fi-lo no Verão a seguir a Deus nos ter dado o Hilaríus no dia 13 de Janeiro, no próprio Dia dos Raios¹, mas esse não foi o único motivo. Ademais, só estudei para ser ordenado sacerdote com o fim de servir justamente esta antiga casa de Deus, que herdei depois da morte de um parente distante desconhecido, e servi-la através da palavra e das acções. O Senhor viu a minha boa vontade, bem como a minha fraqueza.

Não quero com isso dizer que eu alguma vez tenha descurado os interesses da igreja. Aquilo que não consegui arrecadar, por indulgência para com a penúria dos vizinhos ou por ser impossível cobrá-lo a heranças insolventes, paguei-o sempre do meu próprio bolso à igreja de Bær com moeda boa. Revelei-me sem dúvida o seu fiel cobrador de impostos! A opinião e os comentários das pessoas a esse respeito são responsabilidade delas. Nisso, nunca senti nem tive motivo para sentir fraqueza.

¹ Tradução de *geisladagur*, o nome dado ao dia 13 de Janeiro no calendário litúrgico islandês. A sua origem é incerta, mas está provavelmente associado à Epifania, que se comemora sete dias antes.

A fraqueza que não pude ocultar de Deus foi muito mais fatídica e ponderosa, sendo de um âmbito em que não se paga com tecido nem peixe, mas com sangue horrendo; nem com ouro nem prata, mas com a salvação da alma. Vós conhecei-la, Senhor! Mas, até ao momento, mais ninguém senão Vós.

Estais a punir-me ao lançardes o Hilaríus, o nosso único filho, como uma pobre presa, a forças cegas? Então aqui me tendes, Senhor. Fortalecei a minha mão, para que ela logre extrair uma centelha de verdade desta pedra escura que carrego no peito.

II

É certo que o Hilaríus poderia ter sido vítima de forças mais perigosas do que o mar salgado e o vento fresco, ambos francos a ponto de a sua frieza ser quase fraterna. Sabeis sem dúvida, Senhor, o que era melhor para ele; o seu amado coração era para mim como o primeiro sol da manhã, mas nenhum adulto pode regressar ao bosque sombrio da juventude. E, sobre o carácter e o futuro dos filhos, os pais pouco sabem. Além disso, há já muito tempo, mostrastes-me de forma tão palpável quão desastroso é naufragar nas ondas escuras do nosso próprio sangue, que eu deveria tê-lo gravado na mente. Há quinze anos, não havia ninguém menos bem preparado para se ver rodeado pelas águas de uma horrenda e atroz sina do que eu, jovem inexperiente na flor da idade, vigário apenas de nome, e recém-casado — do modo peculiar como o meu matrimónio veio a dar-se.

Mas por onde principiar? Deverei começar por Bjarni de Sjöundá? Ou pelo meu irmão, Páll? Ou por mim próprio! A escolha talvez recaia sobre o feiticeiro Amor Jónsson. E no entanto... claro que tem de ser por Bjarni Bjarnason.

Eu nunca havia conhecido nem voltei a encontrar um homem como Bjarni, quando o vi com a sua barba loura e crespa a ondular ao vento primaveril e os seus olhos azuis cintilantes, que pareciam feitos unicamente de fragmentos de

cristal: era alto e robusto, como se houvesse caído, já plenamente formado, do azul do céu e das nuvens densas, muito diferente do pequeno caixão duplo que viera trazer-me – um contentor de cadáveres deveras insólito.

Poucos acontecimentos me comoveram tanto: foi realmente como estar olhos nos olhos com o meu destino. Porém, é possível que o sentimento que julguei ser pura simpatia haja sido antes uma pontada no coração: o sinal de um perigo iminente. O certo era que aquele homem tinha algo que ver comigo – de uma maneira ou de outra; quanto a isso, era impossível eu equivocar-me. Para mais, encontrava-me diante dele imberbe, um pastor coadjuvante prestes a subir ao púlpito pela primeira vez, pois, até então, nunca tivera de desempenhar as funções práticas do meu cargo.

Que belo dia estava! Um daqueles dias do início da Primavera com carneirinhos no céu e a vasta baía estendendo-se azul-escura em frente à praia vermelha. Como é que um dia assim não haveria de envolver a vida de um homem como Bjarni, à laia de uma casca que protege e aquece? Um abençoado dia de luz e mágoa. Como! E que semelhante dia ainda está vivo é, de resto, tão certo como ele ter outrora decorrido: está vivo em mim, efêmero cobrador de impostos. Viveria ele de forma menos significativa e mais pobre no coração eterno de Deus? E os outros dias? Os dias que ainda estavam por nascer. *Aqueles dias...*

Ainda aqui estou como então, com os nós dos dedos em sangue diante de um muro de trevas.

O dia em que Bjarni de Sjöundá apareceu na minha existência com a sua barba loura e os seus olhos azuis, esse, pelo menos, perdurará até eu morrer; não só o sinto dentro de mim, como também me recordo do seu calor na minha pele. Era um daqueles dias da juventude em que o prazer de respirar é quase doloroso, em que o peito se enche e esvazia de promessa e realização como num movimento de maré.

– Que caixão estranho! – deixei eu escapar, como se fosse um menino ainda muito longe de envergar a sotaina.

O agricultor desconhecido observou-me atentamente e perguntou:

– É o nosso novo vigário? Como é que se chama?

– Quem é que traz aí no caixão? – redargui num tom autoritário, como se não tivesse ouvido as palavras dele; porque, mesmo que se tratasse dos restos mortais de um idoso acamado e encolhido, provavelmente um pobre sustentado pela comuna, cujo corpo não fora possível endireitar, ou até do tronco de um inválido sem pernas, não ficava bem ao corpulento agricultor ter sido sovina com a madeira, pelo menos a meu ver.

Sem pressas, falando lentamente, o gigante de barba loura apresentou-se e informou-me do motivo da sua vinda:

– Chamo-me Bjarni Bjarnason. Sou o agricultor de Sjöundá, a sul daqui – declarou, ajeitando o caixão que pousara em cima de uma sepultura verdejante. – Trago aqui os meus lavradores... Sim, era assim que eu lhes chamava. O Bjarni e o Egill, de oito e sete anos. Começaram a tossir no outro dia... a Guðrún, a minha mulher, tosse desde que nos casámos, já lá vão onze anos. Mas eles não aguentaram, faleceram de imediato. Uma pessoa habitua-se a tudo, é uma questão de prática, suponho eu... E crianças são crianças. Não pense que foi por mesquinhez que os pus no mesmo caixão. Acha que há problema?

– De modo algum – respondi eu, envergonhado.

– Pronto, era isso... Será que podia deixá-los ficar na igreja até à missa de domingo?

Embora houvesse sido informado de que, lá fora, me esperava um homem com um corpo, não me lembrara de levar a chave comigo, pelo que tive de entrar de novo para ir buscá-la – meio a correr, completamente esquecido de que era uma espécie de pastor.

Bjarni preparava-se para pousar o ataúde no meio do chão, mas eu indiquei-lhe que o levasse para o coro.

Na pequena comunidade de Rauðasandur, situada no extremo norte da Islândia, em inícios do século XIX, todos falam sobre a discórdia que reina em Sjóundá e os rumores de adultério entre os dois casais que habitam esta quinta isolada. Quando, logo depois do falecimento suspeito de Guðrún, mulher de Bjarni, sempre doente e queixosa, o mar devolve o corpo desfigurado de um homem, ninguém duvida tratar-se de Jón, o marido da enérgica e resoluta Steinunn. Esta e Bjarni são presos e conduzidos a julgamento, acusados de architectar a morte dos respectivos cônjuges. Todo o processo é relatado por Eyjólfur Kolbeinsson, o jovem e inexperiente vigário daquela remota paróquia, interiormente dividido entre a busca por uma verdade que satisfaça a justiça terrena, fria e intransigente, e o conforto espiritual dos seus paroquianos, cuja alma tormentosa é o reflexo da natureza envolvente, agreste e hostil.

Extraordinário romance de *suspense* sobre a culpa e a justiça, o arrependimento e a expiação, por muitos considerado o precursor do *noir* nórdico, *Ave Negra*, de Gunnar Gunnarsson, baseia-se em factos reais e retrata magistralmente a sociedade islandesa do século XIX, na qual todos acabam por ser vítimas e algozes.

«Um livro invulgarmente poderoso. Gunnarsson infunde nas negras circunstâncias do crime a dureza da existência e as provações do Homem em relação a Deus e aos outros.»

Kirkus Reviews



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[cavalodeferro](#)

[penguinlivros](#)

ISBN: 978-989-589-548-9



9 789895 895489